

Diego Catalán, *El Archivo del Romancero, Patrimonio de la Humanidad: Historia documentada de un siglo de historia*, Madrid, Fundación Menéndez Pidal–Seminario Menéndez Pidal, Universidad Complutense, 2001, 2 vols., 678 pp. + 431 ilustrações

Manuel da Costa Fontes*

Este magnífico livro é uma história pormenorizada, rica, íntima e carinhosa do grande arquivo romancístico fundado por Ramón Menéndez Pidal, e da sua continuação e ampliação sob a guia de Diego Catalán, neto e herdeiro intelectual do fundador.

Ramón Menéndez Pidal (1869–1968), pai da Filologia Românica em Espanha, deixou uma vasta obra de carácter histórico, linguístico e literário que continua a ser um ponto de partida indispensável para quem se interesse pelo estudo da Idade Média Peninsular. A sua paixão pelo Romancero começou no seio da própria família. Quando tinha dezasseis anos, um seu irmão mais velho, Juan, publicou uma colecção de mais de cem romances asturianos, dos quais trinta recolhidos pessoalmente (o resto fora-lhe enviado por outras pessoas).¹ Em 1900, durante a sua lua de mel, D. Ramón e a esposa, D. Maria Goyri, descobriram que o Romancero medieval e renascentista, cuja sobrevivência na tradição oral portuguesa e catalã tinha sido comprovada bastante antes, também existia em Castela, graças a uma lavadeira que lhes cantou vários romances em Burgo de Osma (Sória). Foi assim que começou o Arquivo Menéndez Pidal (Madrid), o qual contém a colecção mais rica de romances em todo o mundo, representando, como indica o subtítulo do livro agora publicado pelo neto do ilustre filólogo, Diego Catalán, um verdadeiro Património da Humanidade.

Logo no princípio, D. Ramón deu-se conta de que o Romancero constituía um fenómeno pan-ibérico e que a tradição antiga, conhecida através de manuscritos, folhetos de cordel, cancioneros e romanceros impressos nos séculos XV, XVI e XVII, devia ser estudada juntamente com a moderna, visto que a última complementa a primeira. Reconheceu também logo que tanto a música antiga como a moderna eram parte integrante dos romances, e que deviam ser estudadas juntamente com a letra. Além de recolher romances pessoalmente quando podia, D. Ramón, talvez inspirado pelo que o irmão fizera ao compilar o romancero asturiano, estabeleceu pouco a pouco uma rede de correspondentes que lhe iam enviando romances de várias regiões: Galiza, Catalunha, os dois ramos da tradição sefardita (Norte de África e Mediterrâneo Oriental), as Américas e, embora em escala menor, também Portugal. Além disso, foi aumentando a sua biblioteca com os romances que apareciam impressos, quer em livros, quer em revistas. Em 1906, devido a uma viagem ao Peru e ao Equador como representante do rei, a qual depois o levou ao Chile, Argentina e Uruguai, publicou um artigo em que apresentava vinte e dois romances hispano-americanos.² No mesmo ano e no seguinte, publicou um catálogo do romancero sefardita com exemplos de cento e quarenta e três romances diferentes.³ O modo como a sua colecção ia aumentando pode-se ver por meio das poucas listas que se elaboraram. Como escreve Diego Catalán, as 1 500 versões modernas que D. Ramón possuía em 1909 “amenazaban ya con desequilibrar la visión de conjunto del Romancero tradicional al haber superado en número [...] a las recogidas por escrito en los siglos XV, XVI y XVII” (1: 62). Em 1929, a colecção tinha 8 000 versões de 500 romances (1: 134), alcançando 15 307 em 1958 (2: 360).

As pessoas que colaboraram nas recolhas foram muitas. De 1904 a 1906, José Benoliel, que residia em Lisboa e em Tânger, enviou 146 romances (1: 58). Contudo, quem mais contribuiu foi Manuel Manrique de Lara, musicólogo e capitão da Marinha que aceitara transcrever melodias gravadas em cilindros de cera. As suas primeiras recolhas peninsulares parecem datar de 1905 (1: 46), e de 1911 a 1912 levou a campanha a Sarajevo, Belgrado, Sófia, Constantinopla, Salónica, Esmirna, Beirute, Damasco, Jerusalém e Rodes, recolhendo 1 113 romances sefarditas. Além disso, adquiriu ou copiou uma série de folhetos de cordel dos séculos XVIII e XIX em caracteres hebraicos, copiando também os *incipits* de romances incluídos em livros de hinos judaicos, que indicavam a melodia com que os hinos deviam ser cantados.⁴ Segundo Catalán, esta recolha tornou Manrique de

* Modern and Classical Language Studies. Kent State University. Kent, Ohio 44242. E. U. A. <mfontes@neo.rr.com>.

¹ Juan Menéndez Pidal, *Poesía popular: Colección de los viejos romances que se cantan por los asturianos en la danza prima, esfoyzas y filandones*, Madrid, Hijos de J. A. García, 1885; 2.ª ed. em fac-símile, organizada por Jesús Antonio Cid, Madrid–Gijón, Seminario Menéndez Pidal–Gredos–GH Editores, 1986.

² R. Menéndez Pidal, “Los romances tradicionales en América”, *Cultura Española*, 1 (1906), 72–111; reimpresso em *Los romances de América y otros estudios* (Colección Austral, 55), 6.ª ed., Madrid, Espasa-Calpe, 1958, pp. 13–46.

³ R. Menéndez Pidal, “Catálogo del romancero judío-español”, *Cultura Española*, 4 (1906), 1045–1077, 5 (1907), 161–169; reimpresso em *El romancero: Teorías e investigaciones*, Madrid, Páez, 1928, pp. 184–229, e em *Los romances de América y otros estudios*, cit., pp. 114–179.

⁴ Ver Samuel G. Armistead e Joseph H. Silverman, “El antiguo romancero sefardí: Citas de romances en himnarios hebreos (siglos XVI–XIX)”, *Nueva Revista de Filología Hispánica*, 30 (1981), 453–512.

Lara o “mejor explorador de la tradición oral romancística que nunca había habido ni habría” (1: 72), mas o grande investigador não ficaria por aqui. No Verão de 1914 trabalhou nas províncias de Salamanca, Zamora, Leão, Palência e Astúrias; no Verão seguinte percorreu as comunidades sefarditas de Tânger e Tetuão; em 1916 passou quatro meses em Larache e Alcácer-Quibir, voltando outra vez a Tetuão. Como parte da mesma viagem, já de regresso a Espanha, investigou a tradição andaluza, descobrindo também o notável romanceiro conservado pelos ciganos (1: 88–90).⁵ Entretanto, Manrique de Lara prosseguia brilhantemente a sua carreira militar. Regressou a Marrocos em 1919 para participar na guerra de África como comandante dum batalhão expedicionário, sendo condecorado pela sua coragem. Em 1923, foi promovido a brigadeiro (1:92–95).⁶

Outro grande colector foi Aníbal Otero que, tendo investigado a tradição galega de 1929 a 1934, começou também a trabalhar num projectado “Atlas Lingüístico de la Península Ibérica”. Em 1936, quando rebentou a Guerra Civil de Espanha, Otero encontrava-se no lado português da fronteira e atreveu-se a defender a causa republicana publicamente em Valença do Minho, sem dar-se conta de que Salazar estava do lado de Franco. A polícia portuguesa prendeu-o e entregou-o às autoridades espanholas a 5 de Agosto, para ser fuzilado como espião. Refugiado em Cuba na altura, D. Ramón fez tudo quanto pôde para salvá-lo. Embora não fosse fuzilado, Otero permaneceu na prisão até 22 de Maio de 1941, aproveitando o tempo para recolher os romances galegos e asturianos que os outros presos sabiam (1: 193–196).

Animado pelo avô, Diego Catalán começou a investigar a tradição oral com dezassete anos (Verão de 1946), juntamente com o primo, Álvaro Galmés. Um noite não os quiseram receber num hotel, viram-se obrigados a dormir num celeiro, em cima do feno, e no dia a seguir foram interrogados pela Guarda Civil (1: 264). Os dois rapazes continuaram a trabalhar juntos todos os verões, até 1949, e esse não seria o seu único encontro com aquela temida organização (ver 1: 279–280). A desconfiança trazida pela Guerra Civil e pela Segunda Guerra Mundial era enorme. Em 1947, uma velhinha, para ver se eram boas pessoas, saiu-se-lhes com esta: “¿Quién es Dios?”, e só se tranquilizou quando Diego lhe rezou um pai-nosso em latim (1: 287). Em 1948, os jovens chegaram mesmo a ser presos (1: 309).

D. Ramón manteve-se intelectualmente activo até aos noventa e cinco anos, e faleceu a 14 de Novembro de 1968, com noventa e nove anos de idade. No testamento escrito pelo seu próprio punho em Maio de 1966, tinha decidido o seguinte: “Dono a mi nieto Diego la totalidad de mis trabajos en preparación y estudio, para que ponga todo su interés y voluntad en continuarlos y completarlos para que puedan ser publicados” (2: 397). A biblioteca deixou-a aos filhos, mas com a condição de não ser dividida enquanto eles ou alguns dos seus herdeiros a quisessem utilizar. Sem esta disposição, talvez tivesse sido dispersa.

Naturalmente, não teria sido possível contar com tantos colaboradores sem apoio institucional. A partir de 1910, D. Ramón começou a obter ajuda da Junta para Ampliación de Investigaciones Científicas (1: 61), a qual patrocinou as recolhas de Manrique de Lara e doutros investigadores. A 13 de Março de 1954, quando D. Ramón fazia oitenta e cinco anos, uma decisão governamental criou o “Seminario Menéndez Pidal”, como centro de investigação da Universidade de Madrid (2: 333). Em 1968 este Centro foi transformado em “Cátedra-Seminario” (2: 411), passando a chamar-se “Instituto Interfacultativo de la Universidad Complutense de Madrid” em 1981 (2: 445).

Embora passasse grande parte da vida no estrangeiro como professor universitário (Edimburgo, Berkeley, Madison, Bona, San Diego), o Prof. Catalán, como herdeiro intelectual de D. Ramón, encarregara-se do Seminario Menéndez Pidal e de enriquecer o Arquivo.⁷ Com o apoio da Fundação del Amo, da Universidade da Califórnia (San Diego), do “Program for Cultural Cooperation Between the United States and Spain”, do “National Endowment for the Humanities” (Washington, D.C.), e de várias entidades espanholas e estrangeiras, organizou uma série de “cursillos” de Verão a fim de treinar estudantes espanhóis, americanos, portugueses e doutros países para investigar a tradição oral. Divididos em pequenas equipas, os estudantes deslocavam-se depois de aldeia em aldeia, em carros particulares. Como não é possível resumir aqui todas as campanhas dirigidas ou inspiradas pelo Prof. Catalán, mencionarei somente as realizadas de 1977 a

⁵ Ver Teresa Catarella, *El romancero gitano-andaluz de Juan José Niño*, presentación de Pedro M. Piñero, Sevilla, Fundación Machado, 1993.

⁶ Israel J. Katz está a preparar para publicação as melodias recolhidas por Manrique de Lara. Completou a análise, e trabalha presentemente na introdução biográfica.

⁷ Em Janeiro de 1982, Catalán tornou-se catedrático de Filologia Espanhola de Universidade Autónoma de Madrid, mas passava parte do ano na Universidade da Califórnia (San Diego), onde leccionou até 1988.

1985. Produziram nada menos que 16 097 romances, muitos deles raríssimos, e formam parte do ASOR (Archivo Sonoro del Romancero), o qual, juntamente com outros materiais doados ao Arquivo Menéndez Pidal, contava em 1989 com cerca de 18 200 textos recolhidos em mais de 1 500 lugares.⁸ A partir de 1980 as versões gravadas começaram a ser transcritas e digitalizadas, passando a formar parte do AIER (Archivo Internacional Electrónico del Romancero), uma base de dados que, em 1989, chegava a perto de 5 000 romances.⁹ Como se pode ver, o número de romances existentes no Arquivo em 1958 (15 307) acabou por ser mais que duplicado, e alguns dos ex-alunos e outros participantes continuaram a trabalhar por conta própria. Entre eles encontram-se Vanda Anastácio, Pere Ferré, J. J. Dias Marques e Ana Maria Martins, os quais muito têm feito pela recolha e estudo do Romanceiro português.

Em 1901, quando o prestigioso hispanista francês Raymond Fouché-Delbosc propôs a D. Ramón que colaborassem num romanceiro, este respondeu-lhe que queria juntar no seu projectado “Romancero tradicional” os romances “recogidos modernamente, reunidos por asuntos, sin atender a las regiones, incluyendo Portugal, Brasil, Cataluña y Galicia” (1:17). Por outras palavras, já tinha em mente uma compilação temática onde se juntariam e estudariam todas as versões antigas e modernas que possuía de cada romance. Em 1932, D. Ramón pensava que precisaria duns dez volumes para a completar (1: 136). Em 1936 o original do primeiro tomo da série, “Epopéya y Romancero: Estudios y textos”, ardeu num incêndio quando a Casa Editorial Hernando, onde estava a ser impresso, foi atingida por um obus disparado pelo exército de Franco. Temendo que os bombardeamentos também lhe destruíssem o Arquivo, que tinha na sua casa de Chamartín (arredores de Madrid), D. Ramón deixou-o na embaixada mexicana e, com sessenta e sete anos de idade, partiu para o estrangeiro (Bordéus, Havana, Nova Iorque, Paris). Regressou em Julho de 1939, depois de esperar vários meses para que o novo governo lhe concedesse licença para entrar no país. Embora conseguisse que lhe devolvessem o Arquivo (que tinha ido parar a Genebra como parte do Tesouro Cultural da Espanha), viu-se isolado pelo regime franquista. Tudo isto e o facto de D. Ramón começar a trabalhar noutros projectos¹⁰ atrasou a publicação da série, cujo título viria a ser mudado para “Romancero tradicional de las lenguas hispánicas (español-portugués-catalán-sefardí)” (= RTLH). Ainda em vida de D. Ramón, esta série, transformada em obra de carácter colectivo, passou a ser praticamente dirigida por Catalán, e o primeiro volume, dedicado ao Rei Rodrigo e a Bernardo del Carpio, só apareceu em 1957.¹¹ Devido a problemas de vária ordem e ao facto do número de romances no Arquivo ter aumentado tremendamente —o *Gerineldo*, por exemplo, ocupou três tomos—,¹² a série parou em 1985, com o duodécimo volume.¹³

Seja como for, estes doze volumes são indispensáveis para quem se interesse pelo vasto campo do Romanceiro, e o Seminario Menéndez Pidal e os seus colaboradores têm publicado muitas outras obras de carácter fundamental. As “Fuentes para el estudio del romancero” inclui uma “Serie Sefardita”, uma “Serie Ultramarina”, uma “Serie Luso-Brasileira”, e “Colecciones regionales peninsulares de los siglos XIX y XX”. Entre as obras publicadas, merecem especial destaque a classificação dos materias sefarditas do Arquivo, de Samuel G. Armistead,¹⁴ a

⁸ Diego Catalán, *Romancero e historiografía medieval: Dos campos cultivados en el Seminario Menéndez Pidal*, Madrid, Fundación Ramón Areces-Fundación Menéndez Pidal, 1989, pp. 33–35.

⁹ Catalán, *Romancero e historiografía medieval*, cit., p. 56. Muitas destas versões podem ser consultadas no magnífico *website* de Suzanne H. Petersen sobre o Romanceiro. (<http://depts.washington.edu/hisprom/index.html>).

¹⁰ Houve uma excepção importante, o *Romancero hispánico (hispano-portugués, americano y sefardí)*, Madrid, Espasa-Calpe, 1953, 2 vols., o qual pode ser visto como uma introdução à série.

¹¹ Rafael Lapesa, Diego Catalán, Álvaro Galmés de Fuentes e José Caso, *Romanceros del rey Rodrigo y Bernardo del Carpio* (RTLH, 1), Madrid, Seminario Menéndez Pidal, 1957.

¹² Diego Catalán, Jesús Antonio Cid *et al.*, *Gerineldo. El paje y la infanta* (RTLH, 5–7), Madrid, Seminario Menéndez Pidal-Gredos, 1975–1976, 3 vols.

¹³ Beatriz Mariscal, *La muerte ocultada* (RTLH, 12), Madrid, Seminario Menéndez Pidal, 1985.

¹⁴ Samuel G. Armistead, com a colaboração de Selma Margaretten, Paloma Montero e Ana Valenciano, transcrições musicais de Israel J. Katz, *El romancero judeo-español en el Archivo Menéndez Pidal (Catálogo-índice de romances y canciones)*, Madrid, Cátedra-Seminario Menéndez Pidal, 1978, 3 vols. Para um resumo da grande obra de Samuel G. Armistead sobre o Romanceiro sefardita, o Romanceiro pan-ibérico e a balada pan-europeia, veja-se o meu artigo “Samuel G. Armistead and Sephardic Balladry”, in Carlos Carrete Parrondo, Marcelo Dascal, Francisco Márquez Villanueva e Angel Sáenz Badillos (orgs.), *Encuentros y desencuentros: Spanish-Jewish Cultural Interaction Throughout History*, Tel Aviv, University Publishing Projects, 2000, pp. 287–303.

classificação do romanceiro galego, de Ana Valenciano,¹⁵ e a classificação do romanceiro vulgar, de Flor Salazar.¹⁶ Em suma, o que tem sido feito é tanto que não é possível resumi-lo aqui.¹⁷

O livro está esplendidamente documentado, incluindo numerosas cartas escritas por D. Ramón, Diego Catalán, e pelos correspondentes de ambos ao longo dos anos. Imagine-se a minha surpresa ao encontrar citadas duas cartas que eu próprio escrevi a Catalán em 1978 (2: 458–459, notas 164–165). Quase que já nem me lembrava delas. As magníficas ilustrações —nada menos que 431, incluindo 24 a cores— contribuem para dar ainda mais vida à tarefa realizada desde 1900 até aos nossos dias. Estas ilustrações compreendem numerosas fotografias, recortes de jornais, provas tipográficas, manuscritos, cartas, frontispícios, mapas, caricaturas alegóricas, etc., etc. O livro termina com seis índices (2: 531–678), que tornam a riqueza da informação que contém muito mais acessível: (1) “Índice de láminas”; (2) “Índice geográfico”; (3) “Índice de personas y personajes”; (4) “Índice de referencias bibliográficas y clave de siglas”; (5) “Índice de romances citados”; (6) “Índice general”.

Infelizmente, a falta de apoio oficial e outros problemas levaram o Prof. Catalán a manter o Arquivo (que tem exercido um papel tão importante na carreira de muitos investigadores, incluindo a minha),¹⁸ praticamente fechado desde fins de 1999 ou princípios de 2000 (2: 519–521). Na última fotografia, colocada na página ao lado da despedida em que o autor parafraseia as palavras do Arcipreste de Hita sobre o seu próprio livro —“bien o mal, cual lo puntares, tal te dirá ciertamente” (2: 528)— vêmo-lo a andar, de costas, na Rua San Frutos, em Segóvia. Talvez quisesse dizer que, agora que tinha acabado esta obra, era tempo de dedicar a sua atenção a outras. Contudo, seja qual for a interpretação que se dê a esta fotografia, não há dúvida de que o livro representa um monumento a um monumento. O fértil campo de estudos sobre o Romanceiro deve muito à obra encetada por D. Ramón y D. Maria Goyri ao ouvir a lavadeira da província de Sória em 1900. De certo modo, todos somos seus herdeiros, e o magnífico Arquivo que tem o seu nome constitui um verdadeiro Património da Humanidade. Deus permita que volte a ser aberto e que se conserve, para benefício da presente geração e das vindouras.

¹⁵ Ana Valenciano et al., *Os romances tradicionais de Galicia. Catálogo exemplificado dos seus temas* (Romanceiro Xeral de Galicia, 1), Madrid–Santiago de Compostela, Publicacións do Centro de Investigacións Lingüísticas e Literarias Ramón Piñeiro–Fundación Ramón Menéndez Pidal, 1998.

¹⁶ Flor Salazar, *El Romancero vulgar y nuevo*, Madrid, Fundación Ramón Menéndez Pidal–Seminario Menéndez Pidal, Universidad Complutense, 1999.

¹⁷ Esta informação acha-se dispersa no presente livro, mas Catalán inclui uma síntese no seu citado *Romancero e historiografía medieval* (pp. 61–83). Entre os colaboradores, Jesús Antonio Cid, Beatriz Mariscal, Suzanne Petersen, Flor Salazar e Ana Valenciano desempenharam um papel especialmente importante.

¹⁸ Por exemplo, quando estava a estudar o romance de *Floresvento*, pedi uma fotocópia das versões do Arquivo, e foram-me imediatamente enviadas. Mais tarde, pedi e recebi fotocópias das versões de *Flérida* e do *Falso hortelano*, e o Prof. Catalán deu-me licença para as publicar em apêndice, o que muito facilitou o livro em que eu estava a trabalhar (*Folklore and Literature: Studies in the Portuguese, Brazilian, Sephardic, and Hispanic Oral Traditions*, Albany, State University of New York Press, 2000, pp. 239–246, 251–253).